



DOMINICA PASCHÆ IN RESURRECTIONE DOMINI

"EGO SUM ALPHA ET OMEGA, PRINCIPIUM ET FINIS", DICT DOMINUS,
"QUI EST ET QUI ERAT ET QUI VENTURUS EST, OMNIPOTENS."

APOC 1.8

Litterae Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum

NÃO TENHAIS MEDO! IDE E TESTEMUNHAI: ELE RESSUSCITOU!

Queridos irmãos e irmãs: O Senhor vos dê a paz!

É Páscoa, é o dia que o Senhor fez (cf. *Sl 117*). Ele que foi suspenso ao madeiro, Deus o ressuscitou. E nós fomos incumbidos de pregar e dar testemunho do que aconteceu (cf. *Atos 10, 39-40.42*). Esta é a nossa missão: comunicar a todos a grande notícia que mudou a sorte da história: Jesus, que padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, morreu e foi sepultado, ao terceiro dia ressuscitou e vive para sempre.

No próximo mês de outubro a Igreja celebra um novo Sínodo de Bispos, no qual terei a alegria de participar em nome da União dos Superiores Gerais. Desta vez o Sínodo será dedicado à *nova evangelização*. Façamos um pouco de história. O tema da evangelização já foi objeto de reflexão no Sínodo de 1974, quando os padres sinodais se ocuparam da *evangelização no mundo contemporâneo*. Fruto daquele Sínodo foi a Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, de Paulo VI, um dos grandes documentos pontifícios do século XX. Neste documento, concretamente no capítulo II, o Papa perguntava: *o que é evangelizar?* A esta pergunta dava uma resposta no número 24 da Exortação, afirmando que é um caminho complexo, com vários elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, ingresso na comunidade, acolhida dos sinais, iniciativas de apostolado. Estes elementos podem parecer contrastantes, inclusive excludentes. No entanto, são complementares e se enriquecem mutuamente. É necessário que cada um seja integrado com os outros.”

A evangelização seguiu sendo uma das atenções prioritárias do pontificado de João Paulo II, o qual, preocupado com o fenômeno da secularização, cunhou a expressão *nova evangelização*: “nova em seu ardor, nova em seus métodos, nova em suas expressões” (Haiti 1983). Na Exortação apostólica *Pastores dabo vobis* João Paulo II volta ao tema, afirmando que a nova evangelização exige novo ardor, novos métodos, novo linguajar para anunciar e testemunhar o Evangelho.

Bento XVI segue o testemunho de seus predecessores e torna a insistir no tema da nova evangelização, instituindo, com o *motu proprio Ubicumque et semper*, um novo dicastério com o objetivo de promover uma evangelização renovada nos países de antiga tradição cristã que vivem uma secularização progressiva e um “eclipse de Deus”. E chegamos assim ao Sínodo de 2012 que, como já dissemos, se ocupará da nova evangelização. E aqui nasce uma pergunta: como preparar-nos para este acontecimento eclesial e, em certo modo, participar ativamente nele?

O Capítulo de 2009 nos convidou a restituir com a vida e a palavra o dom do Evangelho. Em seu documento final, *Portadores do dom do Evangelho*, o Capítulo nos

recorda como “desde os primeiros dias, a fraternidade se sente chamada a anunciar o que vive” (n. 7), o Evangelho, dom que está em sua própria origem (n. 6). Recordamos que somos chamados a “acolher o Evangelho e a restituí-lo criativamente (...), percorrendo os caminhos do mundo como irmãos menores evangelizadores com o coração voltado para o Senhor (n. 10). Recordamos que o imobilismo e a instalação “que ameaçam paralisar o dinamismo evangelizador” talvez estejam falando-nos “de uma crise de fé que atinge alguns de nós” (n. 12). Recordamos que temos de nos por em movimento (cf. n. 11), cruzar todo o tipo de fronteiras antropológicas, culturais, religiosas e geográficas, e a partir da lógica do dom (cf. n. 12) ser criativos (cf. n.9), falar uma linguagem compreensível que tenha em conta os códigos comunicativos de nosso mundo e torne inteligível a mensagem que queremos transmitir (n. 16), sentir simpatia por nosso mundo (n. 7) e levar em conta a realidade sócio-cultural de nossos povos (n.14), de tal modo que possamos “encarnar a mensagem evangélica nos diferentes contextos em que vivemos” (n. 16). Recordamos, enfim, o marco dentro do qual há de desenvolver-se nossa evangelização. Esta deverá ser sustentada por uma forte experiência de Deus, realizar-se desde e como fraternidade, em colaboração com os leigos e a família franciscana, privilegiando os claustros desumanos, as regiões difíceis, cheias de riscos e a proximidade aos mais pobres, aos que mais sofrem e são excluídos (cf. Decisão 13). Está aí todo um programa e toda uma metodologia. Porém, continuemos perguntando-nos: o que está a exigir tudo isso?

Sintetizando muito, eu diria que a nova evangelização é, sobretudo, paixão pela Palavra. “Ai de mim se não evangelizar!”, dirá Paulo (*1Cor 9,16*). A evangelização não é algo facultativo, é algo que me envolve em primeira pessoa. Não posso ser cristão, não posso ser religioso sem evangelizar. Quem se encontrou com o Senhor e fez experiência do Ressuscitado, não pode reter isto para si. Sentirá a urgência de comunicá-la e restituí-la aos outros. A nova evangelização fala, portanto, de uma experiência intensa que qualifica a própria identidade, implica toda a pessoa, e comporta o sentir-se e compreender-se todo a partir deste ministério. Tudo isso é o que leva à paixão, à descoberta de que neste ministério se esconde o eu verdadeiro, o que sou e o que sou chamado a ser. E se há paixão, então a evangelização será assumida com criatividade, com total dedicação e generosidade, seja na vida apostólica, seja no retiro claustral, em qualquer etapa da vida, também na enfermidade e debilidade física, embora de modo diverso.

Nesses dias, visitando um irmão que até bem pouco tempo atrás trabalhava num território missionário, ele me dizia: “desde sempre pensei que minha vida era para a

missão. Agora que regressei por causa da enfermidade, descobri que o Senhor me chama a seguir sendo missionário também nesta situação em que me encontro. Quero seguir sendo missionário. Ofereço minha vida e meus sofrimentos para as missões, para a difusão do Evangelho”. Este irmão, como S. Paulo, descobriu que a evangelização era sua vida. Quantos irmãos encontrei nestes anos que fizeram esta mesma descoberta! Por todos eles não cesso de dar graças ao Senhor.

A nova evangelização, como toda a missão, nasce de um acontecimento relacional e não puramente auto-referencial. Responder ao apelo da nova evangelização é sentir-se chamado, conquistado e urgido pelo Senhor que, como a tantos profetas, nos retira de nosso pequeno mundo, feito de pequenas ou grandes seguranças, e nos coloca diante de um mundo *mendicante de sentido*, sedento de plenitude, com a única certeza de que ele vai à nossa frente: *vem, eu te envio, não temas, eu estarei sempre contigo*. Nestes anos de serviço a toda a Fraternidade vi irmãos que, buscando a auto-realização nas diversas tarefas evangelizadoras, no fim só se encontraram com um profundo vazio interior e com a forte sensação de ter perdido tempo. Da mesma forma encontrei irmãos que, conscientes de obedecer a um chamado, se entregaram sem nenhum tipo de reserva à restituição do dom do Evangelho, *aos de perto e aos de longe* (cf. *Ef 2,17*), e, embora sentindo-se servos inúteis, como todo o trabalhador da vinha do Senhor (cf. *Mt 20,1-16*), puderam ver como o Senhor fazia crescer a semente do Evangelho até produzir frutos abundantes (cf. *Mc 4,8*).

Na nova evangelização não pode faltar esta consciência de ser enviado. É então que a paixão pelo Evangelho será vivida como urgência, como um verdadeiro imperativo existencial que leva a doar a vida toda ao serviço da paixão de Deus pela humanidade. Só a partir desta consciência, a própria vida, sustentada por uma forte experiência de Deus que “impõe” e “obriga” a colocar-se em caminho, se converte ela mesma em evangelização e a pessoa de fé se converte, como Francisco, em “Evangelho vivo”, em “exegese viva da Palavra de Deus” (*Verbum Domini*, 83). Somente a partir desta profunda convicção de ser enviado, a evangelização deixará de ser simples “ação” pastoral ou puro gesto filantrópico para transformar-se em grande amor e preocupação pelo outro que o leva a partilhar o tesouro que ele mesmo encontrou (cf. *Mt 13,44*).

Nunca insistiremos suficientemente sobre a necessidade de uma forte experiência de Deus para sermos autênticos evangelizadores. Somente a partir de um contato permanente com Ele e quando a sua Palavra queima as nossas entranhas, como no caso dos discípulos de Emaús, correremos a anunciar a Boa Notícia (cf. *Lc 24, 32-33*). Só quando nos deixarmos encontrar por Ele Vivo, as nossas portas, fechadas pelo medo ou talvez por uma fatal resignação – às vezes tenho ouvido dizer: não se pode fazer nada nesta situação -, se abrirão pouco a pouco, e, sem

medo daqueles que podem destruir a vida do corpo mas não aquela que perdura (cf. *Mt 10,28*), com novo ardor, nova audácia e coragem, obedecendo a Deus antes que aos homens (cf. *Atos 4, 19*), daremos testemunho daquele que, depois de padecer e morrer, tem sido colocado à direita do Pai e vive para sempre (cf. *Atos 3,15*). E, então, os novos métodos exigidos pela nova evangelização não se farão por esperar.

Quando contemplo a bela e grande epopéia missionária da Ordem, particularmente no longínquo Oriente ou no continente americano, e quando penso nos irmãos que em sua própria cultura ou distantes dela se entregam incansavelmente à tarefa da evangelização, não posso deixar de pensar em homens profundamente enamorados por Jesus. Era este amor que os levava a se fazerem, como Paulo, “tudo para todos” (*1Cor 9, 22*). É a partir do amor a Jesus, desde uma experiência espiritual profunda marcada pelo encontro pessoal com Ele, que nasce a motivação interior e autêntica que leva alguém a atuar em favor da redenção dos irmãos e das irmãs e a consagrar-se todo inteiro à obra da evangelização.

Paixão por Cristo e paixão pela humanidade, é o que exige a nova evangelização. Nem a primeira sem a segunda, nem a segunda sem a primeira. A paixão por Deus leva necessariamente à paixão pela pessoa humana, *filhos do céu e filhos da terra*, como dizemos tantas vezes. Sinto a necessidade de recordar a urgência de sair do nosso raquitismo espiritual; chegou a hora de despertar-nos da letargia, de dar sentido pleno à nossa vida, de fazer experiência de salvação: soou a hora de uma nova evangelização que começa por deixar-nos habitar pelo Evangelho e permitir que este mude o nosso coração, como mudou o coração de Francisco e o de tantos nossos irmãos e irmãs. Diz-se que a juventude de hoje é uma juventude passiva e resignada. Somos nós adultos que dizemos isso. Que dizem de nós os jovens? Não dirão de nós o mesmo que nós dizemos deles? Eu creio que em muitos jovens, também entre os jovens irmãos e irmãs, há tanta sede de espiritualidade autêntica, sensibilidade em relação aos grandes valores, busca por novos valores, sede de verdade, de autenticidade, de coerência, tanta paixão por Cristo e paixão pelo homem e pela mulher de hoje. Como também estou convencido de que isso se dá em muitos adultos. Porém, igualmente estou convencido de que a uns e a outros nos sobra realismo asfixiante, cansaço, rotina.

Sinto que é urgente nós mesmos nos sentirmos destinatários de uma nova evangelização, de um anúncio renovado do *kerigma*, do primeiro anúncio, para depois, de maneira sistemática e não só pontualmente, anunciá-lo aos outros. Sinto que é necessário nós mesmos encontrarmos palavras de esperança, motivos para caminhar adiante, com passo ligeiro e pé seguro (cf. *2In 12*), para depois propor aos outros este mesmo caminho de esperança. Percebo que é preciso nós mesmos fazermos a experiência do Deus revelado em Jesus, para poder oferecer àqueles

que buscam, e são tantos!, respostas vivenciadas e não só grandes respostas doutrinárias, pobres de vida. A nova evangelização já não pode ser feita com slogans, com palavras preparadas por outros. A nova evangelização necessita de testemunhas que comunicam o que viram, ouviram e tocaram (cf. *1Jo 1,1-3*); testemunhas que não se conformam com o contexto social atual, por medo de serem rejeitados, até ao ponto de serem invisíveis ou dificilmente identificáveis como discípulos e missionários, ou ineficazes e pouco incisivos, pouco proféticos e pouco missionários.

Necessitamos construir caminhos de iniciação na fé, sem excluir-nos a nós mesmos desses itinerários ou dar por pressuposto o que não pode ser pressuposto, ou pior ainda, como diz Bento XVI no *motu próprio* com o qual convoca o ano da fé, “o tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado” (*A porta da fé*, 2). “A crise da fé atingiu muitas pessoas”, segue afirmando o Papa, e talvez, poderíamos acrescentar, até a alguns de nós. Neste contexto não podemos permitir que o sal se torne insípido e a luz fique escondida (cf. *Mt 5, 13-16*). Chamados a evangelizar, primeiro precisamos deixar-nos evangelizar a nós mesmos. Só então poderemos ver a sociedade secularizada em que vivemos não tanto como uma ameaça, mas como uma oportunidade, um novo areópago para anunciar o Deus vivo; este Deus, desconhecido por muitos, que porém constitui o sentido último, pleno e definitivo da vida de todo o ser humano.

No contexto secularizado em que vivemos, e que certamente vai além da Europa, como anunciá-LO? Apenas algumas pistas:

- Sendo ecos da Palavra de Deus. Na nova evangelização temos que falar com Deus, falar de Deus e dar voz a um Deus que parece guardar silêncio e que muitas vezes parece não escutar.
- Sendo silêncio eloquente. Palavra e silêncio são complementares na evangelização. O perigo entre nós é falar muito de Deus e escutá-LO pouco; falar muito às pessoas e escutá-las pouco. A nós dá medo o silêncio e, no entanto, ele é necessário; fugimos da escuta e, no entanto, hoje mais que nunca ela é importante. O Mistério de Deus,

como nos diz Santo Agostinho, se sugere, se indica, se degusta e se faz degustar. É inútil pretender abarcá-lo com a palavra. Por isso temos de cultivar mais o *silêncio habitado* que nos abra ao mistério de Deus revelado em Cristo e faça calar nossas manipulações de Deus.

- Sendo imagens e testemunhas significativos, narrações e símbolos relevantes. Temos que aprender a arte de apresentar os conteúdos doutrinários de maneira narrativa e icônica. O agente da nova evangelização introduz os outros no mundo dos símbolos, da Palavra feita narração, da celebração.

- Sendo apóstolos da alegria. Leon Bloy diz que “a alegria é o sinal infalível da presença de Deus”. Se o Evangelho é boa notícia, a nova evangelização se faz com o sorriso, não com cara de “sexta-feira santa”. O Apóstolo nos recorda que o Filho de Deus é o “sim” de Deus (cf. *2Cor 1,18ss*). Os mensageiros do Evangelho não podem ser um “não”.

- E tudo em fraternidade. Para cada religioso, e mais ainda para um franciscano, nenhum projeto de evangelização é individual. É sempre a fraternidade que evangeliza. A nova evangelização há de realizar-se, por tanto, com o testemunho da vida fraterna.

O anúncio do Evangelho hoje se situa entre *missio ad gentes* e nova evangelização. É inegável a crise de fé. Esta se manifesta às vezes em forma de indiferença, outras vezes em forma de afastamento da comunidade de fé. Também é certo que entre os que se confessam agnósticos e ateus há muitos que buscam a Deus. Isto nos dá esperança e força para seguir anunciando o Evangelho, sem temores e sem triunfalismos, seguros e confiantes no poder dAquele que anunciamos como ressuscitado e presente no meio de nós e na verdade de sua mensagem. A nova evangelização é um apelo para conhecer, amar e servir não uma coisa, nem mesmo uma doutrina, mas uma pessoa: a pessoa de Jesus.

É Páscoa: ide, irmãos e irmãs, anunciai e testemunhai a Boa Nova do Evangelho, *aos de perto e aos de longe*, com novo ardor, novos métodos e novas expressões! Cristo ressuscitou! Sim, verdadeiramente Ele ressuscitou! Feliz Páscoa de Ressurreição!

Roma, 19 de março de 2012,
solenidade de São José.



Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral, OFM